

EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Português

Alunos com deficiência auditiva de grau severo ou profundo

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 239/1.ª Fase

8 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2016

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

Página em branco

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

É permitida a consulta de dicionário de língua portuguesa.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Tinha gasto muito do seu entusiasmo e perdido muitas das ilusões¹ que ainda lhe restavam, naqueles últimos dez anos em que andara lá por fora, e voltava pela primeira vez cansado e triste, mais ainda, desconsolado² de tudo. Ao atravessar a fronteira, verificara com espanto que não experimentava afinal a alegria que sentira ou julgara sentir sempre que vinha como
5 agora passar as férias com a família. [...]

No primeiro domingo deixou-se ficar em casa a olhar para Luísa, que achou quase interessante, quase bonita, e a ouvir os silêncios dela, subitamente cheios de recordações. Quantos anos teria? – perguntou a si próprio. – Trinta e dois, trinta e três?... Sim, devia ser
10 isso, uns trinta e três anos. Por que não se teria casado? Não era feia, nada feia, vendo bem... Era rica, o que simplificava até as situações complicadas quanto mais as simples como a dela... Devia haver um motivo... Qual seria? Um amor não correspondido? Mas ainda se usaria tal coisa? [...]

A mãe perguntou-lhe no dia seguinte:

– Nunca reparaste que a Luísa tem uma paixão por ti?

15 – O quê?

– Isso mesmo, claro. Todos sabem, todos souberam sempre. Só tu é que nunca deste por isso. Vem-lhe de pequena, enfim, de novita. Nunca te falei em tal coisa porque sabia que não te querias casar, mas agora...

Duarte olhava-a espantado. Que queria ela dizer com aquilo? Teria planeado casá-lo com
20 Luísa? Que, pensando bem, não era coisa para o espantar muito. Era mesmo da mãe sair-se com as ideias mais inesperadas, já completas e muito bem construídas pela sua imaginação demasiado fértil³.

– Previno-a de que não me quero casar – declarou friamente, para lhe cortar as possíveis e mais que prováveis ilusões.

25 – Pois devias fazê-lo. Essa vida de estudante que levas já não é para a tua idade. Credo, não ter casa, viver por hotéis... A Luísa é uma boa rapariga, nem parece deste tempo. Gosta de ti... E séria? Como poucas, podes crer.

Mas Duarte não quis ouvir mais. Saiu de casa aborrecido, com vontade de fugir, como dantes. Aquilo nele era antigo, ficar furioso sempre que a mãe lhe falava na seriedade desta
30 ou daquela mulher. [...]

Durante toda a semana que se seguiu, Duarte fugiu aos amigos e ficou mais em casa a pensar em Luísa. Recordou episódios da sua juventude que julgava esquecidos e nos quais ela tinha um lugar. E notou que sentia por ela uma grande ternura, como nunca sentira por ninguém. [...] Duarte pôs-se então a pensar seriamente na possibilidade de casar com ela. Não
35 era um grande amor, decerto, mas antes um desejo muito forte e muito sincero de descansar à luz daqueles olhos calmos e repousantes. Juntamente com essa ideia veio-lhe também a de ficar, de não voltar a partir, de abandonar para sempre as malas, os comboios, os quartos de hotel.

Maria Judite de Carvalho, «Desencontro», *Tanta Gente, Mariana*, 3.ª ed., Lisboa, Prelo, 1971, pp. 133-137

NOTAS

¹ *ilusões* (linha 1) – sonhos; expectativas.

² *desconsolado* (linha 3) – triste; desanimado.

³ *fértil* (linha 22) – criativa; abundante.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Caracterize o estado psicológico de Duarte, com base no primeiro parágrafo do texto.
2. Refira dois dos aspetos que despertam a curiosidade de Duarte por Luísa no «primeiro domingo» (linha 6), após o seu regresso.
3. Explique o papel que a mãe desempenha na história narrada.
4. Explícite os projetos da personagem principal, tendo em conta o último parágrafo do texto.
5. Proponha um título adequado ao excerto que leu, fundamentando a sua proposta em elementos do texto.

GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Mesmo a paisagem natural deve a sua existência a incessantes¹ viagens. O paisagista Gilles Clément ajuda-nos a ver, por exemplo, como todos os jardins são espaços em movimento. As plantas, que parecem imóveis, na verdade viajam. As suas sementes foram trazidas por ventos, por correntes marítimas, chegaram na sola das sandálias de um viajante descuidado, na pele dos animais. Foram introduzidas de forma deliberada ou puramente casual. A árvore da borracha deriva de uma vasta região que se estende desde o subcontinente indiano até à Malásia e à Indonésia. A estrelícia² tem origem na África do Sul. Se pensarmos bem, qualquer inofensivo jardim é, no fundo, uma espécie de mapa-múndi.

Quando pensamos na ideia de viagem, pensamo-la fundamentalmente como atividade humana. Pode dizer-se que a primeira viagem foi realizada pelo primeiro homem que habitou a terra, há milhares e milhares de anos. Sem dúvida que, na aurora³ dos tempos, a viagem era uma deslocação funcional e ligada à luta pela sobrevivência. O homem deixava o seu refúgio e atravessava o mundo em busca de alimento e de condições mais estáveis.

Contudo, cada época redefine, a seu modo, o ideal de viagem. Penso, por exemplo, na distinção entre turista e viajante. O escritor Paul Bowles dizia que o turista e o viajante se distinguem pela experiência que fazem do tempo, apressada a do turista, lenta a do viajante: «Enquanto o turista volta a correr para casa ao cabo de semanas ou meses, o viajante não pertence a um lugar mais do que a outro».

Hoje, porém, cada viajante tem a expectativa de que, de uma forma ou de outra, a sua viagem represente um ato humano: que uma viagem de negócios permita também um contacto cultural; que uma viagem de lazer acrescente alguma coisa de significativo ao conhecimento.

José Tolentino Mendonça, «O Turista do Século XXI», in «E-Revista», *Expresso*, 30/01/2016, p. 90 (adaptado)

NOTAS

¹ *incessantes* (linha 1) – contínuas.

² *estrelícia* (linha 7) – planta ornamental.

³ *aurora* (linha 11) – princípio.

1. Para responder a cada um dos quatro itens que se seguem (1.1. a 1.4.), escolha a opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a sua escolha.

1.1. Segundo o autor, qualquer jardim pode ser comparado a um mapa-múndi por conter

- (A) flores de locais distantes recolhidas pelo paisagista Gilles Clément.
- (B) árvores originárias de regiões africanas, como a árvore da borracha.
- (C) espécies vegetais oriundas do continente asiático, como a estrelícia.
- (D) plantas de vários países trazidas por ação do homem e da natureza.

1.2. Na opinião do escritor Paul Bowles,

- (A) o turista realiza viagens longas, sem fixar datas de regresso.
- (B) o turista procura conhecer, demoradamente, vários lugares.
- (C) o viajante vive a experiência da viagem a um ritmo lento.
- (D) o viajante associa os negócios a breves períodos de lazer.

1.3. Na linha 12, a expressão «uma deslocação funcional» desempenha a função sintática de

- (A) sujeito.
- (B) predicativo do sujeito.
- (C) complemento direto.
- (D) complemento indireto.

1.4. Na linha 20, a utilização de dois pontos serve para introduzir

- (A) um argumento.
- (B) um comentário.
- (C) uma citação.
- (D) uma explicação.

2. Reescreva a frase a seguir apresentada, iniciando-a por «Julgo que». Proceda às alterações necessárias.

Os jardineiros ajudam-nos a conhecer a proveniência das plantas exóticas.

3. Complete cada uma das frases seguintes com a forma adequada do verbo apresentado entre parênteses, usando apenas tempos simples.

Escreva, na folha de respostas, a alínea e a forma verbal que lhe corresponde.

- a) A paisagem natural do Minho _____ (deslumbrar), ainda hoje, visitantes portugueses e estrangeiros.
- b) Amanhã, o presidente da associação florestal _____ (fazer) um comunicado à imprensa.
- c) Naquele encontro, o diretor da empresa foi quem melhor _____ (explicar) as vantagens dos estágios no estrangeiro.
- d) Os alunos _____ (ver) com interesse a exposição do Museu Botânico, que encerrou no sábado.
- e) A turma _____ (assistir) a um colóquio sobre biodiversidade e participou no debate.

GRUPO III

O drama dos refugiados provenientes de vários países em guerra é um problema que marca a atualidade e para o qual é urgente encontrar soluções.

Redija um texto de reflexão, com cerca de quinze linhas, sobre este tema. Refira:

- um aspeto que considere importante para o acolhimento inicial dos refugiados;
- uma medida que facilite a integração dessas pessoas nas comunidades locais.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item						Cotação (em pontos)
	Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.		
	20	20	20	20	20		100
II	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	2.	3.	
	5	5	5	5	10	20	50
III	Item único						
							50
TOTAL							200